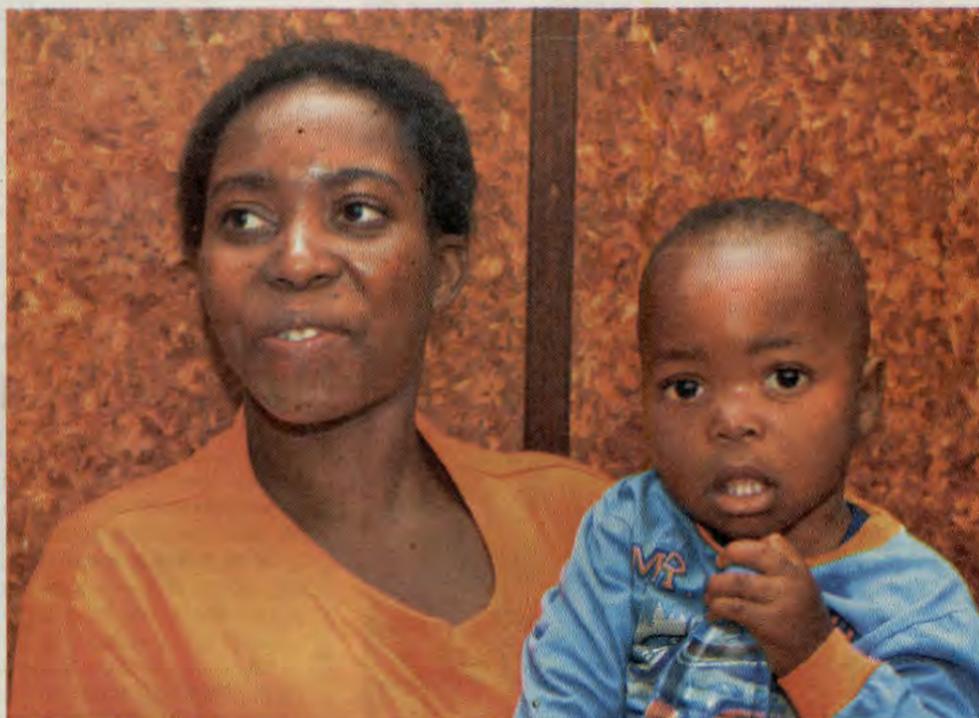


## CASAMENTOS PREMATUROS

## Um travão nos sonhos da rapariga!

ANA RITA TENE

**DAMIANA Rebo tem 18 anos de idade, vive no bairro Campoane, no município de Boane, na província de Maputo. Ela é casada desde os 14 anos de idade e mãe de dois filhos.**



O sofrimento levou Damiana a procurar marido como refúgio

**S**ua trajectória de vida sempre foi de muitas dificuldades, o que lhe levou a procurar um casamento ainda na adolescência. A

história da jovem começa em Quelimane, na Zambézia, onde a fome, a pobreza e incapacidade dos seus pais custearam a sua educação lhe levaram a rumar a

Maputo, aos 10 anos, em busca de emprego.

Convencida por uma tia que lhe prometeu abrigo, trabalho e melhores condições de vida,

Damiana chegou à capital e trabalhou como empregada doméstica sem qualquer salário, por mais de três anos.

Cansada da vida que levava e

dos maus-tratos que sofreu, já aos 14 anos decidiu sair de casa para se juntar ao seu marido, na esperança de que a vida ia mudar. Mas isto não passou de uma ilusão, uma vez que seu esposo, de 28 anos de idade, não tem emprego fixo e os dois vivem de pequenos trabalhos para sustentarem os seus filhos.

"Nunca tive oportunidade de estudar, por isso tem sido difícil encontrar um trabalho digno. Consigo dinheiro para alimentar os nossos filhos limpando terrenos de pessoas. Meu sonho é ter um bom trabalho, voltar a

estudar e me formar", conta a nossa interlocutora.

Se pudesse fazer diferente, Damiana diz que teria-se esforçado para estudar mesmo no meio das dificuldades financeiras dos pais e aconselha outras meninas a formarem-se antes de procurar refúgio da pobreza no casamento.

A história de Damiana Rebo confunde-se com a de muitas meninas submetidas a casamentos prematuros, quer devido à pobreza, como é o seu caso, quer por motivações culturais ligadas aos ritos de iniciação e

até mesmo à busca de riqueza pelas suas famílias.

O fenómeno atinge mais de 20 por cento das raparigas menores de 16 anos, principalmente nas províncias da região norte do país, nomeadamente Nampula, Niassa e Cabo Delgado.

Segundo Célia Claudina, directora executiva da Rede de Comunicadores da Criança (RECAC) é preciso reflectir na terminologia do casamento prematuro, porque muitas vezes se trata de uniões forçadas por diversas circunstâncias.

"O papel de proteger as rapa-

rigas é dos pais. Eles têm o dever de prover condições para que a criança cresça e não seja sujeita a estas violações dos seus direitos. Temos vários crimes dentro deste tipo de união, desde o trabalho infantil, a violência ou abuso sexual da rapariga que podem ser punidos", explicou.

Para Claudina, as consequências de uma união desta natureza se reflectem nos índices de mortalidade materno-infantil que se assiste no país, uma vez que uma criança não está preparada para levar até ao termo uma gestação e suportar o parto

## Há medo de ferir susceptibilidades

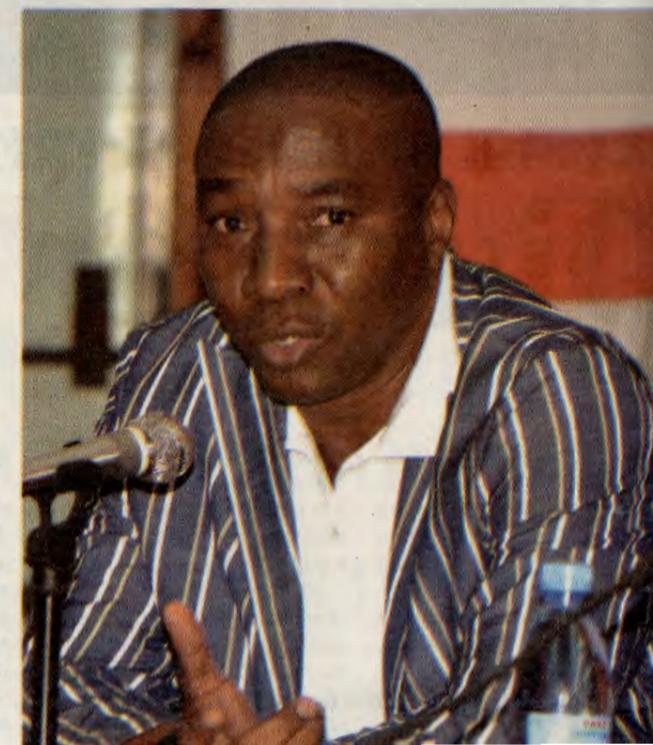
O DESENHO e implementação de estratégias visando tirar as raparigas dos casamentos prematuros tem fracassado, devido ao medo das estruturas locais ou do estado de quebrar ou renovar as práticas milenares prejudiciais aos direitos da criança. Quem assim o diz é o gestor de projectos da Associação da

Mulher na Comunicação Social (AMCS), Fernão Paulo, para quem é confortável para os políticos não interferirem na mudança de práticas tradicionais para não serem mal vistos.

"As pessoas que deviam fazer mais para travar estas práticas de certa forma se acobardam porque há medo de ferir susceptibilidades. Temos casos de jovens dos seus 23 anos casados com meninas de 12 ou 13 anos e ninguém se escandaliza", lamentou.

Segundo a explicação de Paulo, vivemos numa sociedade que só valoriza ou se choca com aquilo que termina em sangue, visto que as pessoas não analisam a questão do casamento prematuro como uma catástrofe que prejudica o crescimento da criança.

"Os estudos sobre os casamentos prematuros muitas vezes são focados nas regiões centro e norte, porque se acredita que o sul esteja mais evoluído neste



## Não aplaudimos os homens que andam com "catorzinhas"

OS casamentos prematuros constituem uma violação clara dos direitos da rapariga, as quais os diversos extractos da sociedade não devem assistir impávidos e serenos, cabendo a todos a responsabilidade de denunciar às estruturas competentes.

uma menor de 12 anos que acabou ficando grávida no bairro do Bagamoyo, na cidade de Maputo. Trata-se de um homem que tem filhas mais velhas e que abusava a do vizinho, que vive na casa em frente à sua", lamentou.

Banze disse ser inconcebível

devem ter consciência do mal que fazem quando se envolvem com uma menina", acrescentou.

A nível do município, segundo a fonte, têm sido organizadas palestras nas escolas, igrejas, mesquitas e na comunidade para sensibilizar a sociedade sobre os



